

**NOS SEMO URUGUAIO: UMA ANÁLISE CONSTRUCIONISTA DAS FORMAS DE TRATAMENTO
NA FRONTEIRA BRASIL-URUGUAI**

Magda Batista de Sant' Anna Martins¹
PPGEL UFF/ IFF

1. INTRODUÇÃO

Desde a época da colonização, as disputas territoriais entre Portugal e Espanha iniciaram o contato linguístico na região que foi aumentando à medida que o Uruguai tornou-se independente e a linha geográfica foi delimitada na fronteira com o Brasil. Com o decorrer dos anos, muitos brasileiros cruzaram a fronteira e o português era falado em grande parte do norte do Uruguai.

Com a independência do Uruguai, o governo determinou a povoação da fronteira ao Norte, fundando cidades próximas às cidades brasileiras que já existiam, para evitar a perda de território, também determinou que os documentos civis circulassem somente em espanhol e implantou escolas na região para diminuir o crescimento do uso da língua portuguesa pelos uruguaios da fronteira.

Ao longo dos anos, a língua familiar passou a ser um dialeto fronteiriço e seu uso é estigmatizado no restante do território uruguaio. Muitos falantes da região acabam tendo contato com o espanhol somente no meio escolar, tornando-se, assim, bilíngues. Concordamos com Sturza (2005) quando afirma que o bilinguismo caracteriza-se claramente do lado uruguaio, pois observamos que os falantes brasileiros da fronteira não utilizam a variedade conhecida como “portunhol”, dialeto fronteiriço falado por uruguaios em Rivera.

O trabalho está sendo desenvolvido numa área de intenso contato linguístico, a cidade gaúcha Sant'Ana do Livramento e a cidade uruguaia Rivera. Estas cidades cresceram uma ao lado da outra e não há barreiras geográficas (rios, montanhas, florestas, etc) entre elas, são separadas por avenidas e conhecidas como cidades gêmeas.

¹Mestra e Doutoranda do Programa de Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense. Professora de Espanhol do Instituto Federal Fluminense, campus Macaé.

Notas sempre no rodapé e apenas explicativas (nunca com referências bibliográficas), com fonte Cambria, tamanho 10, espaçamento entre linhas simples. Não usar notas de rodapé manuais, empregar a ferramenta específica do Word for Windows.



Observamos que os falantes uruguaios em interações informais fazem uso de diferentes construções com pronomes plenos em posição de sujeito, sendo este o campo de estudo do nosso estudo.

2. OBJETIVOS

- Analisar a produtividade das construções gramaticais com pronomes plenos no nosso *corpus*.
- Analisar as escolhas dos informantes do ponto de vista semântico a fim de entender de que forma essas escolhas interferem na interação dos falantes bilíngues da região através de uma visão funcional-cognitiva.

3. EMBASAMENTO TEÓRICO-METODOLÓGICO

3.1. Fundamentação teórica

Desse modo, nos propomos a analisar a forma dos pronomes e também suas propriedades semânticas, pragmáticas e contextuais, tendo como suporte a visão de construção de Goldberg (1995) e Croft (2001), o conceito de Gramática de Construções Baseada no Uso de Goldberg (2006) e o conceito de interpretação genérica dos pronomes de Lopes (1998; 2007).

Para a Gramática de Construções Baseada no Uso, Goldberg (2006), um determinado padrão linguístico pode ser considerado uma construção: se for visto por inteiro e não como partes de outra construção e também se houver exposição frequente daquela sequência de palavras. Dessa forma, pode-se compreender como construção qualquer sequência de palavras que possuam esses dois requisitos.

Goldberg (1995) considera que todo pareamento entre forma e significado é uma construção, incluindo construções menos complexas como um morfema, e construções mais complexas como as construções bitransitivas. Croft (2001) afirma que existe um continuum entre léxico e gramática. Além disso, o autor destaca que a construção possui propriedades sintáticas, morfológicas e fonéticas, referentes à forma,

Notas sempre no rodapé e apenas explicativas (nunca com referências bibliográficas), com fonte Cambria, tamanho 10, espaçamento entre linhas simples. Não usar notas de rodapé manuais, empregar a ferramenta específica do Word for Windows.

www.xicongressohispanistas.com.br
contato@xicongressohispanistas.com.br



e propriedades semânticas, pragmáticas e discurso-funcionais, referentes ao significado. As construções com pronomes plenos estariam no eixo entre léxico e gramática.

Para Lopes (1998), o plural dos pronomes pessoais pode indicar: 1) a referência de dois ou mais seres que partilham do mesmo lugar na interlocução e são da mesma natureza; 2) a referência a dois ou mais seres que ocupam lugares diferentes na interlocução; 3) *uma referência indeterminada ao englobar diferentes pessoas, o pronome pode ser tão genérico a ponto de não sabermos seu referente*. Na noção do “eu ampliado” a autora acrescenta que “nós” e “a gente” também podem apresentar imprecisão quanto a suas representações no discurso.

Para o uso de “tu” e “você” Lopes (2007) ressalva que houve uma expansão desses pronomes antes direcionados à segunda pessoa da interlocução para contextos de referência indeterminada, sendo cada vez mais presente em construções existenciais, com o sentido de há/existe.

3.2 Metodologia

Realizamos uma coleta de dados qualitativa por meio de entrevistas a informantes da cidade Rivera no Uruguai, falantes bilíngues da fronteira, em português. Fizemos gravações *in loco* para recolher casos com os pronomes pessoais plenos, no nosso *corpus* preliminar do português obtivemos dados com “tu”, “você”, “vos”, “a gente”, “nos” e “vocês”.

Para este trabalho, iremos apresentar fragmentos de três entrevistas do nosso *corpus* realizadas em 2018: entrevista 1 com um falante uruguaio de 82 anos; entrevista 2 com duas informantes uruguaias de 52 e 28 anos; entrevista 3 com um informante uruguaio de 23 anos.

4. ANÁLISE DE DADOS

4.1. Resultados preliminares

Notas sempre no rodapé e apenas explicativas (nunca com referências bibliográficas), com fonte Cambria, tamanho 10, espaçamento entre linhas simples. Não usar notas de rodapé manuais, empregar a ferramenta específica do Word for Windows.

www.xicongressohispanistas.com.br
contato@xicongressohispanistas.com.br



No nosso *corpus* preliminar encontramos as construções gramaticais com pronomes plenos direcionados ao(s) interlocutor(es): “tu”, “você/cê”, “vos” “vocês” e também incluindo o emissor como participante do discurso :“a gente”, “nós”. Considerando que a representação desses pronomes ocorre de maneira diferente nos enunciados, separamos os dados, nesse primeiro momento da pesquisa, conforme sua especificidade semântica. Com isso, obtivemos as seguintes construções:

- **Tu1** - referência específica: se direciona ao interlocutor.
- **Tu2** - referência genérica: se direciona a uma pessoa indeterminada.
- **Você1** - referência específica: se direciona ao interlocutor.
- **Você2** - referência genérica: se direciona a uma pessoa indeterminada.
- **Vos1** - referência específica: se direciona ao interlocutor.
- **Nos1** - referência específica: se direciona ao interlocutor e uma segunda pessoa (“eu + você/tu” ou “eu + vocês”), é mais determinada.
- **Nos2** - referência genérica: se direciona ao interlocutor e um grupo de pessoas (“eu + você/tu + ele/ela” ou “eu + você/tu/vocês + eles/elas, ou ainda “eu + todos”), é indeterminada.
- **A gente1** - referência específica: se direciona ao interlocutor e uma segunda pessoa (“eu + você” ou “eu + vocês”), é mais determinada.
- **A gente2** - referência menos específica: se direciona ao interlocutor e uma terceira pessoa (“eu + ele/ela” ou “eu + eles/elas”), é menos determinada
- **A gente3** - referência genérica: se direciona ao interlocutor e um grupo de pessoas (“eu + você/tu + ele/ela” ou “eu + você/tu/vocês + eles/elas”, ou ainda “eu + todos”), é indeterminada.
- **Vocês1** - referência específica: se direciona ao interlocutor.
- **Vocês2** - referência genérica: se direciona a uma pessoa indeterminada.

Na tabela abaixo apresentamos a separação dos tipos de construções de acordo com a quantidade de ocorrências que ocorreram no corpus:



Tipos de Construções	Ocorrências
Tu1	5
Tu2	39
Você1	2
Você2	4
Vos1	2
A gente1	12
A gente2	6
A gente3	22
Nos1	3
Nos2	1
Vocês1	2
Vocês2	2

Tabela 1: Pronomes plenos no português de Rivera

4.2. Análise do corpus

A seguir apresentamos a nossa proposta de análise para quatro fragmentos do nosso corpus preliminar: o primeiro da entrevista 1 na fala do informante 1; o segundo da entrevista 2 na fala da informante 1; o terceiro da entrevista 3 na fala do informante 1; e o quarto na entrevista 2 na fala da informante 2.

(1) *“E qualquer coisa que **tu** queres seja de ferreteria, seja do que for, **tu** tem a possibilidade, se **tu** não consegue de um lado, **tu** vai no outro, **tu** averigua preço, tem coisa de comida que são muito melhor aqui no Uruguai”* (E1 – Inf1)

No exemplo 1, o informante faz uso do pronome “tu”, mas não o direciona especificamente a um interlocutor, pelo contrário, o “tu” faz referência genérica, seu uso é abstrato podendo indicar qualquer pessoa. A forma de tratamento singular mais frequente nos dados do nosso corpus preliminar é o “tu” em sua forma genérica.

(2) *“Entonce a maestra que fala espanhol te corrige né, tem que te corrigir pero e é normal, **tu** no, **a gente** daqui não fica com vergonha porque **a gente** fala assim”* (E2 – Inf1)

No exemplo 2, ao falar “tu no” a informante se refere genericamente ao interlocutor. Em relação ao uso da construção “a gente”, nesse contexto, a informante

Notas sempre no rodapé e apenas explicativas (nunca com referências bibliográficas), com fonte Cambria, tamanho 10, espaçamento entre linhas simples. Não usar notas de rodapé manuais, empregar a ferramenta específica do Word for Windows.



não somente se refere à outra informante que está participando da entrevista, mas também expande a interpretação da noção de pessoa a todas os falantes bilíngues da fronteira.

(3) *“Eu de vez em quando viajo pra lá e não é um, não sei se é por mais maneira de eu aprender mas mi español no es como te voy a decir, completamente cerrado, yo, se reconoce la manera, la velocidad que hablo, es algo que no... ya se dan cuenta, ah vos sos de la frontera”* (E3 – Inf1)

Na variedade uruguaia do espanhol, o uso da forma de tratamento informal singular com o pronome “vos” também é encontrado, contudo nos dados do nosso *corpus* preliminar observamos que a forma “vos” somente foi usada pelos informantes quando estavam falando algum enunciado completo em espanhol, como no exemplo 3, e nas duas ocorrências encontradas seu uso foi específico.

(4) *“Não só na escola, mas tem gente aqui que gosta de falar o espanhol e aí corrige, mas aí **a gente** já acostumou, quando **a gente** tem que falar em portunhol fala com os amigos mesmo, tem amigos que **você** fala em espanhol porque falam somente espanhol, tem que falam em portunhol, mas aqui na fronteira todo mundo sabe falar em portunhol, só que tem alguns que preferem falar em espanhol.”* (E2 – Inf2)

O uso das construções com o pronome “você” pode estar relacionado a fatores socioculturais próprios do contato linguístico, como a influência dos meios de comunicação, pois essa não é a forma mais frequente da variedade gaúcha. No exemplo 4, temos a construção “você2” e duas ocorrências da construção “a gente1”.

5. CONCLUSÃO

Nos dados do nosso *corpus* preliminar, as construções mais frequentes são “tu2” (uso genérico) no singular e “a gente3” (uso genérico) no plural. Entendemos que a alternância entre as construções gramaticais se dá por uma necessidade comunicativa dos falantes. Por isso, esperamos ampliar nosso *corpus* num momento posterior para



abrange os aspectos pragmáticos das construções gramaticais com pronomes plenos no nosso estudo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARRICABURO, N. *Las fórmulas de tratamiento en el español actual*. Madrid: Arco Libros S. L. , 1997.

CROFT, W. *Radical Construction Grammar: Syntactic Theory in Typological Perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

ELIZAINCÍN, A., BEHARES, L. & BARRIOS, G. *Nós falemo brasileiro. Dialectos portugueses en Uruguay*. Montevideu: Editorial Amesur. 1987.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: CUP, 1995.

GOLDBERG, A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

LOPES, C. R. S. “Nós e a gente no português falado culto do Brasil”. DELTA, v. 14, n. 2, p. 405-422, 1998.

LOPES, C. R. dos S. “Pronomes pessoais”. In: Brandão, S. F e Vieira, S. R. (Org.). *Ensino de gramática: descrição e uso*. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2007.

STURZA, E. R. “Línguas De Fronteira: O Desconhecido Território Das Práticas Lingüísticas Nas Fronteiras Brasileiras”. Revista Ciência e Cultura, volume 57, nº 2. São Paulo, 2005.

